

CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

Propriedade de Sabbas Costa

ANNO II

ASSIGNATURAS:
Por mez
Pagamento adiantado 500

Publicação semanal
STA. CATHARINA--Desterro, 8 de Outubro de 1888

Escriptorio da Redacção,
á rua do Senado
N. 17

N. 25

COLLABORADORES

DD. Delminda Silveira, Revocata
H. de Mello (Rio Grande), Ibrantina
de Oliveira e Ubaldina A. de Oliveira,
Silvio Pellico, Bernardino Varzella,
Dr. Méseder, Carlos de Faria,
Pedro Goudel, Timotheo Maia, Er-
nesto Pires, Brigido Peixoto, José
Prates e Sabbas Costa.

CREPUSCULO

Desterro, 8 de Outubro

Eia... mocidade

Nada ha mais amplo, maior, mais imponente do que a brilhante e invejavel attitude de um espirito masculino que se consagra ás lides imperiosas da imprensa.

Por toda a parte tem fido valioso acolhimento a mocidade estudiosa; por toda a parte o brilho sempre novo, sempre puro, sempre omnipotente das pleiades juvenis tem merecido as maiores ovações, que, engrinaldando-lhes as frentes que se altivam como cimos dos montes, mostram-lhes ao mesmo tempo todo o espaço indefinido, em que têm forçosamente de esvoaçar como gigantescas aves.

O céu da Patria precisa de constellações brilhantes que o decorem como o symbolo da vida psychologica de um povo, que traz na frente o sello da maior energia e força que se possa conceber

Avante! mocidade... nem um só momento de descanso! A nuvem que ainda hontem se avantava nos nossos horisontes, e parecia querer ligar o céu com a terra no maior horror possível — a

negra escravidão — precisa que a mocidade ainda desmanche os restos medonhos de suas agonias com o balsamo santo da luz da instrução.

Vaso que de um momento foi decorado a ponto de poder um dia figurar em nossas salas; flôr que ia pouco e pouco marchando, mas que uma mão bemfazeja a reverdeceu, a classe dos libertos ainda precisa que lhe proporcionem meios de vida nobre, grande e salutar, amarrada como se acha ás negras nuvens da ignorancia.

Instrui vos, mocidade, para que de vossas luzes se derramem aquelles salutaes principios, de que tanto precisam aquelles que ha tantos tempos jungidos ao carro da escravidão, mal serviam, sem podereim prover as suas mais viciaes, urgentes e primeiras necessidades.

A instrução é a unica coisa real da vida. Sem ella, que valimento póde ter o homem na sociedade?

Como um barco sem leme, será o individuo sem conhecer pelo menos os mais indispensaveis principios que lhe possam dar um decente meio de vida.

Instrui-vos e instrui os vossos semelhantes.

A' memoria do immortal Visconde do Rio Branco

As auras, que hoje perpassam pelo Brazil, trazem o perfume de uma alma infinita, que envolve nossa patria. E' a de José Maria da Silva Paranhos, o brasileiro que mais elevou nosso paiz, apagando de sua bandeira uma das ori-

gens da escravidão; o brasileiro, que illuminou o solo com o seu talento, cuja luz, tendo a duração de um relampago, foi bastante para escrever em nossa historia o dia 28 de Setembro de 1871.

Hoje, o seu tumulo cheio de flôres, que mães e filhos, em profusão, têm plantado e regado, com as lagrimas da gratidão, abre-se, para dar passagem a alma do grande cidadão, que desdobra-se sobre a patria, em agradecimento ao 13 de Maio de 1888; parecerá talvez ao grande espirito que seu ministerio continúa, vendo os companheiros do 7 de Março, que, com o povo, vão traçando a apothose d'aquelle infatigavel trabalhador!

Hoje, aspirando, a grandes pulmões, essas auras, que enchem a nossa atmosfera d'aquelle patriotismo, sem rival. vamos, brasileiros e amigos da humanidade, depôr, em memoria ao grande Rio Branco, uma saudade sobre tumulo, uma lagrima de reconhecimento, simples manifestação de apreço a quem, hoje, tem por morada as nobres grandezas e bellezas do Creador

A. MESSEDER

Laguna, 28 de Setembro de 1888.

Perfil biographico

UBALDINA DE OLIVEIRA

Tenho lido attenciosa e calmamente algumas poesias que D. Ubaldina tem escripto e por ellas vejo que esta joven talentosa possui bonitas inspirações!

Quem dá merito a qualquer pensamento poetico espontaneo, intimo, calmo e ardente, quem comprehende as monotonias vibrantes, que agitam, que possuem palpitações coruscantes de — Genio, não póde deixar de admirar com fervor o talento da joven poetisa, que tem-se esforçado d'uma maneira

correcta, quão notavel e apreciavel, d'uma maneira que muito concorre para o nosso adiantamento, d'um modo enfim que nos proporciona força de vontade.

D. Ubaldina, que burilla com suavidade agradável, que confortabilisa o coração do leitor, que canta as suas ideias sempre harmoniosa, merece um voto de apreço e esse consciencioso!

E' preciso animal-a, animal-a bastante; porque, além de ser muito modesta, é ainda moderna nas lettras. Têm muita sentimentalisação os seus versos: prova assim que a poesia deve ter tudo que nós sentimos — amor, paixão, alegria — que são as suas tres opulencias.

Sempre que leio poesias como as que D. Ubaldina escreve, não posso ficar quêdo, enthusiasmo-me entretanto!

Não sou critico: admiro todos os talentos!

Eis como poderei provar que D. Ubaldina é uma talentosa e promettedora!

SABBAS COSTA

Desterro, 24 — Setembro — 88.

O teu futuro

A JOÃO L. RAMOS DE O. MONTEIRO

Ha nuvens côr de rosa, ha traços de grandeza, ha prismas geniaes

na orla paradisiaca do teu futuro esplendoroso.

E' escabrosissimo, todos o sabem, o caminho sobre que avanças! Comtudo nada ha de que receiar, pois a agilidade do teu talento fecundissimo, que te guia para a immortalidade, e a herculea vontade e expontanea dedicação que movem teu radiante organismo, tornam-te os passos facéis, e assim tambem a travessia dos altos comoros e dos abysmos medonhos d'essa estrada de opulencia occulta, a principio cheia de cansaço e aborrecimento, depois tão desfructavel e cheia de encantamentos!...

E's muito creança ainda, e no entanto já tens o cerebro a transbordar de idéas que admiram: idéas cheias de resplanlecencias artisticas, e artisticamente emocionadas: idéas, meu caro amigo, cujas formosas bases litterarias mostram a expontaneidade com que o fogo genial pouco e pouco se vai ateando em teu espirito arrebatado e lucido!

Caminha sem recuar, que antes de chegares ao centro desse grande paiz — a Illustração — d'onde se descortinam todas as miserias e grandezas do mundo, — antes de lá chegares, bom Joca, has de ir encontrando pelas margens da estrada, bellezas mais deslumbrantes, mil vezes mais attrahentes do

que os mais bellos sonhos de amor!

Acabrunha-me a alma a impossibilidade de não poder jamais chegar a esse imponentissimo paiz para que caminhas, e da causa tu bem sabes: é de faltar-me o necessario para a longa viagem — o dinheiro...

Resta-me entretanto um prazer, e este é de poder apreciar algumas cousas bellas das que lá vão!

Avante! Que o teu futuro seja mais um iris para ornar as fulgidas paginas da — Litteratura!

Avante, pois! que a gloria seja tua!

PEDRO GOUDEL

Noite de chuva

A BORGES DA COSTA

I

A noite está escura, o céu está profundo, como uma cova aberta no meio do oceano!

A chuva forte cabe por cima das calçadas estalando sem cessar como bala de aço!...

Corre um ar tão frio, vibrante como uma espada, que torna-me inerte, aborrecido e triste.

O mar está sereno como a mudez d'um somno, e a praia está deserta como um prado sem arvoredos...

A' terra humida e gelada não fica uma só estrella, não fica um só lampejo de astro!...

9 ROMANCE DO "CREPUSCULO"
AS NOITES DE VERÃO
POR
DAMASCENO VIEIRA

As martyres

III

« O povo tornou a chamal-as ao amphitheatro, onde as duas martyres se apresentaram por impulso proprio, depois de terem trocado o beijo da paz.

« Perpefua coube a um gladiador inexperiente que a feriu entre os ossos e a fez gritar. Os supplicios dos pacientes moribundos eram o noviciado dos gladiadores. Por fim dirigiu ella propria á garganta o braço mal seguro de seu algoz.»

Em seguida, a vacca selvagem tornou a acometter Felicidade; mugindo de raiva, cravou-lhe as pontas no ventre e arremessou-a no espaço. A martyr cahiu agonisante, com as entranhas dilaceradas e expostas.

Como a infeliz gemesse, traspassada de dôres, o povo em altos brados exigiu que outro gla-

diador a acabasse de matar. A escrava então arrastou-se de joelhos para o lugar em que sua senhora jazia morta; confundiu o seu sangue com o d'ella, e ao beijal-a na testa desprendeu o ultimo alento. O algoz nada teve que fazer com a segunda victima.

Estava findo o spectaculo.

Rendendo graças aos deuses e ao cesar, os romanos abandonaram o amphitheatro e dispersaram-se, satisfeitos e jubilosos, acreditando terem despedaçado e morto, com aquellas mulheres, o germen da nova crença que se desenvolvia.

Mal sabiam elles, os senhores do mundo, que não representavam a civilisação e que esta só poderia vir depois que as proprias hordas barbaras os afogassem em sangue, e que, após a horrenda mortandade, resurgisse d'alli mesmo, immaculada e santa, a religião do Christo como uma brilhante aurora a illuminar todas as consciencias.

A dama branca

I

O archiduque Olavo, bastante supersticioso, acreditava piamente que o seu bello palacio, si-

tuado á beira do Danubio, era visitado pela «Dama Branca», a celebre mulher phantastica que tem preocupado o espirito de toda a Allemanha.

Elle havia lido a historia d'essa visão singular que só apparecia para assignalar acontecimentos dolorosos: sabia que o espectro existia realmente; não era pura creação do povo ignorante; muitos fidalgos dereconhecida circumspecção garantiam-lhe tel-o visto por muitas vezes.

Um escriptor grave e serio, como é todo escriptor allemão, o senhor Minutoli, havia informado ao archiduque, por meio de uma obra muito lida, que a «Dama Branca» era nada mais nada menos que a formosa condessa Cunegonda, princeza de Hohenzollern, creatura penada que não podia gozar a paz da sepultura porque assassinára os dois filhos que possuia, pelo futil motivo de opporem-se as creanças ao seu segundo matrimonio.

Olavo estava perfeitamente orientado do modo como a princeza se desfizera dos filhos: aproveitando-se do somno em que se achavam, ella cravára na nunca de cada um d'elles um comprido alfinete de ouro.

Quanta tristeza, quanta mudez, quanta aragem penetrante espraia-se pelo azul!

Nem um suspiro suave, um só suspiro confortavel, a briza nos fornece: tudo dorme em paz no leito das melancolias!

As trepadeiras inundam-se de agua e por isso não phosphorescem os jardins de perfumes. As petalas das rosas recebem gottas de agua: cada petala é uma concha de perola, cada gotta uma lasca de crystal!...

O gemido aureoreal e olympiaco das aves não vibra, não echôa porque ellas envoltas, silenciosas, na mudez dos ninhos sentem tanto frio, recebem tanta agua...

Os prados, de dia céu aberto, de noite céu escuro, cobrem-se de chuva e as fontes estrellajam-se de pingos crystalinos!...

A natureza, deusa do universo, sente-se talvez abatida... provavelmente sonha na rêde de nossas esperanças...

II

A chuva continúa...

Lembrei-me de vê-la, mas não o pude, chove tanto lá fóra... Si não chovesse... si eu pudesse vê-la...

Eu penso tanto n'ella e ella em mim pensa tanto... se eu a visse... a casa d'ella é tão longe: fica lá perto do morro onde agora tem tanto pantano, onde o sol dá seus encantos quando surge no Levante!... Não posso ouvir o estalar agudissimo da chuva nas pedreiras; porque ella me prende, não me deixa vel-a ao menos um minuto!

Vou procurar esquecel-a...

Desfolham-se as arvores, como um collar de perolas que se desprende!...

No meu cerebro sinto palpitar umas constellações pesadas de agonia e a minh'alma fieta atravez uma pagina colorida de luar, uma visão, triste como um soluço, pallida como um jasmim!...

E fiquei horas perdidas a contemplal-a como quem contempla um prisma de auroras!...

SABBAS COSTA

Desterro, 3—Outubro—88.

A RISONHA

No pequeno cemiterio ao lado da igreja, fresco, bonito, todo florido de rosas brancas e todo dourado de sol, eu vi uma linda moça, de pé junto a um tumulo, e rindo-se.

Não se pôde imaginar nada de mais gracioso que esta creança, tão gentil, tão delicada, de cabellos louros cacheados, um pouco curtos de olhos ingenuos, azues e brilhantes como o ceu, feito todo de uma estrella, e de pequeniua boca vermelha.

Mas o que me zangou foi vel-a rir.

Não é cousa agradável mostrar algeria

ao pé dos tumulos, Não pude, pois deixar de aproximar-me e dizer-lhe:

—Senhora, vós não tendes razão de rir. Com certeza não conheceste a pessoa que dorme debaixo desta pedra?

—Como não conheci! Elle era meu amigo, era meu noivo. Eu não tinha felicidade que não fosse sua, esperanza que elle não partilhasse e quando elle morreu eu julguei morrer tambem.

—Entretanto vós rides!

—Ah! disse-me ella é porque me lembro. Vivo, sua unica alegria era ver-me contente, e se chorasse sobre o seu tumulo causar-lhe-ia tanta magua!

CATULLE MENDÉS.

PEROLAS DE OPHIR

Flôres da dôr

Á F. M.

Acceita estas flôres singellas e puras Nascidas no meio de negras saudades, No imo de um peito fremente de amores, Immerso nas scismas de eterna amizade... Banhadas do pranto sentido, d'est'alma, Ai! vão te implorando teus risos de affecto, Brilhando nas noites de dôr negra, incalma...

Desprezas as flores que offerto-te a medo, Em lances ardentes de ardente paixão? Ah! sim, mas não sabes que foram brotadas, Nascidas no fundo do meu coração... Recebe-as te imploro de prantos banhada, E dá-lhes n'um beijo de amor e de crenças, Um raio da fé de tu'alma adorada...

UBALDINA A. DE OLIVEIRA

Desterro—1888.

A Luiz Ozorio

Escuta, foi n'alcova solitaria, Em longa noite merencoria e fria, Quasi vencida em lucta imaginaria, E ouvindo o rebramar da ventania;

Que um genio bom, archanjo ou feiticero, Poz junto a mim teu livro, aureas Neblinas; On-le teu vulto á pagina primeira Faz adorar-se essas canções divinas;

Onde ha luz, ha perfume, ha melodia, Estrophes d'ouro, encantos de poesia, Linguagem que desperta inspirações,

Que faz scismar em ti que além dos mares Tens o poder de penetrar nos lares E teu nome deixar nos corações!

REVOCATA H. DE MELLO

Rio Grande.

A musa moderna

Ao illustre e distincto poeta rio-grandense DAMASCENO VIEIRA

Poeta! ao vêr o teu talento ardente, Deslumbrada em seu lucido esplendor, Li a MUSA MODERNA com ardor — Rico thesouro — Inspiração ridente —!

Em cada estrophe que a brilhar fremente, Diviso á luz a fulgurar de amor, Vejo a sciencia s'expandindo em alvor, Cantar victoria e progredir potente!

E'tão grande, sublime e tão possante Tua MUSA MODERNA em attractivos, Como as glorias do teu porvir radiante!

Ha n'ella brilhos tão intensos, vivos, Que já em louros, na historia ovante Vão, oh! Genio immortal, c'roar-te altivos!

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Desterro, Setembro de 1888.

Apotheose

A UM ILLUSTRE PADRE BRAZILEIRO

Nasceu para assombrar as multidões, nasceu no organismo da Luz, nasceu para subir, como um raio de sol aos paramos do céu, nasceu para voar, nasceu para o Porvir!

Como um Tantaló audaz e como um Prometheu elle soube do Mal as syrtas destruir: na gondola do Bem impavido rompeu o oceano do povo, e sempre a refulgir!...

Porém a mão de Deus vibrou-lhe pelo craneo... e aquelle grande vulto, aquelle astro titaneo foi rolando, rolando em vórtice febril

perder-se pelo azul das limpidas esphéras... mas quando entrou no lar das mudas primavéras, quando elle entrou na Gloria,—eclipsou o Brazil!

CARLOS DE FARIA

(Mcleoros)

Don Juan

E' aqui o ninho azul da minha amante; Saltemos a janella... o Crime ensáia... emquanto ella dormita entre a cambraia embalada na brisa sussurrante...

Vamos agora á alcova perfumada, sem que a despérte do febril desejo, que eu quero no seu rosto pôr um beijo antes que venha a luz da madrugada.

II

Entrei, mas logo recuei ao vê-la na rêde adormecida docemente... e no meio da alcova, tristemente, (quedei-me) contemplando aquella estrella!...

Depois disse: ella sonha com venturas sobre a rêde florida dos amores, sem saber as terriveis amarguras que me arrastam ao Crime entre os horrores...

E senti que o Remórso me arrastava, luctando no meu peito a Consciencia, e não ousei tocar sobre a innocencia da virgem que a dormir rindo, sonhava...

E deixei a sonhar essa creança embebida no olor fresco da malva, velada pela luz serena e mansa, que desfralda no Azul a estrella d'Alva!...

III

Fugi espavorido estrada em fóra nas chammas d'esse amor que me abraçava; e quando despontou no céu a aurora, a virgem sobre a rêde ainda sonhava!...

TIMOTHEO MAIA

Desterro, 13 de Maio de 1888.

Paysagem africana

Tardo, pisando o grosso areal dormente,
O dromedario vae beber ao Nilo,
E aos rubros raios do cariz do Oriente
Resomna o bronco e molle crocodilo.

A agua morna do Oasis não refresca
A ardente bocca ao nomade sequioso,
E enquanto a voz do vento cavernosa
O rio empola na estação da pesca,

A sphinge, a eterna sphinge do deserto,
Num deliquio monótono de pedra,
Estende o olhar, idiotamente aberto,
Pelo areal onde o tojo ruivo medra,

De sangue o sol, á noite, o saibro embebe,
Porém, ao meio dia, quando passa
Pelo Equador, faz d'Africa uma taça
E o proprio sangue em longos goles bebe.

LUIZ MURAT.

1887.

Dulce

A ROCHA DE ANDRADE FILHO

Despe-se Dulce, e entra no banho.
Lembra o pallor sensual da lea
Quando completamente nua,
Guarda o lucifero rebanho.

Põe os pés na agua; a agua recua
Num estremecimento estranho,
Pois nunca flor de igual tamanho
E odor ferin a toalha sua.

Sentindo-a fria, Dulce lança
Gritos pueris. —Mas, com brandura,
A agua, serena; e a flor—avança,

E avança... até que a limpha pura,
Em mysteriosa intemperança.
Abraça e beija-lhe a cintura.

EDMUNDO DE BARROS.

(Das *paysagens*).

Saudades

Tenho saudades de caza,
De meus pais, de meus irmãos;
D'estes não tenho um abraço,
D'aquelles não beijo as mãos.

Tenho saudades d'ahi,
D'esses campos, d'esse mar,
Dos passarinhos, cantores
Do nosso bello pomar.

Tenho saudades das scênas
Do nosso velho «Plutão» (*),
De sua voz iracunda
Quando chegado ao portão.

(*) Uma allusão.

Tenho saudades do «Ceres» (**)
Que apanhava de bastão,
Debaixo de ingente chuva,
Indo-lhe abrir o portão.

Tenho saudades de tudo
Da patria do pobre João,
Desde a ponta da Trincheira,
«Jusqu'à Saint»... Sebastião.

J. R.

S. Leopoldo, 19 de Agosto.

(**) Outra.

Má

Se não és do céo, s'és da terra
Porque torturas minh'alma?
Teu desdem vivo m'enterra,
E sempre em ti vejo a calma!

Para que colhes a palma
No sorrir que fel encerra,
—Que me excita, não m'acalma—
E sempre em teus labios erra?

E's ingrata, és mui cruel!
Por ti eu maldigo a sorte,
Por ti, que só me dás fél!

E és por mim tão presada,
Qu'até não sei se na morte,
Deixarás de ser amada!

RODOLPHO GOUDEL

Desterro—Outubro—88.

NOTICIARIO

ADHESÃO

Adherio á lista dos nossos col-
laboradores o talentoso e concei-
tuado romancista Sr. José Prates,
moço que, pela fina educação que
possue, tem adquirido com espe-
cial enlevo immensas vantagens.

José Prates tem uma alma boa,
um coração modesto: expontanea-
mente propôz-se a nos distinguir
com os seus apreciaveis escriptos,
a nos proporcionar uma leitura
amavel, quão digna de merito e so-
berbas manifestações.

Agradecemos, pois, a tão illustre
moço a gentileza que acaba de nos
dispensar.

NECROLOGIA

Vôu, no dia 1º do corrente
para o reino celestial, onde tudo
gloria, uma joven filhinha, de nome
auroras, do distincto e conceituado
negociante Militão Villela.

Lamentando devéras a perda
tão linda creancinha, enviamos
aos seus pais nossos pezares.

EXPOSIÇÃO

Foi inaugurada hontem a Ex-
posição Provincial, com grande
assistencia.

ALBUM DE PARABENS

No dia 1º do corrente, fez anno
o nosso talentoso e digno col-
laborador Pedro Goudel, moço bas-
tante apto nas lettras.

—Hoje agrupam-se na fronte
do nosso sincero amigo Brigid
Peixoto umas quantas primaveras
da vida.

A Brigido Peixoto, como nosso
collaborador, saudamos e fazemos
votos para que viva muitos annos
sempre errando glorioso na estrada
e rectissima das lettras.

—No dia 1º deste mez, uma vir-
ginal corôa de 24 alvoradas de
existencia enflorou a gentil fronte
da Exma. Sra. D. Maria Julia de
Sant'Anna, a quem cordialmente
comprimntamos.

Para a capital do Imperio seguiram no
paquete *Rio Parand*, a 3 do corrente, os
nossos honrados conterraneos Rodolpho
Oliveira, Ernesto Viegas, João Martim
Barbosa e Lydio Barbosa. Este ultimo foi
representar ali o Club Republicano d'esta
cidade.

Recommendamos aos leitores o soneto
que hoje publicamos, enviado ha dias pela
nossa estimada e distincta collaboradora
—Revocata H. de Mello.